COMO AS ROTINAS PODEM ORGANIZAR O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL SEM COMPROMETER O BRINCAR, A CURIOSIDADE E AS EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS

ADRIANA MACHI BELLINI

RESUMO
As rotinas ocupam um lugar central na organização do cotidiano das instituições de Educação Infantil, influenciando diretamente as experiências vividas por bebês e crianças pequenas. Quando compreendidas apenas como uma sequência fixa de atividades, podem assumir um caráter rígido e limitador, comprometendo o brincar, a curiosidade e o protagonismo infantil. Por outro lado, quando construídas com intencionalidade pedagógica e sensibilidade, as rotinas tornam-se elementos estruturantes que favorecem a segurança emocional, a autonomia e a ampliação das experiências das crianças. Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre como as rotinas podem organizar o cotidiano da Educação Infantil sem comprometer o brincar, a curiosidade e as experiências infantis. A pesquisa se caracteriza como qualitativa, fundamentada em estudos teóricos da área e na reflexão sobre o cotidiano pedagógico.O referencial teórico dialoga com autores que discutem a organização do tempo, do espaço e das relações na Educação Infantil, além de documentos oficiais que orientam as práticas pedagógicas. As reflexões apontam que a rotina, quando flexível e atravessada pela escuta das crianças, não paralisa o cotidiano, mas sustenta experiências significativas, promovendo um ambiente educativo vivo, marcado pelo encantamento, pela descoberta e pelo brincar.

PALAVRAS-CHAVE: Rotina; cotidiano; educação infantil.

1. INTRODUÇÃO

A organização do cotidiano nas instituições de Educação Infantil é atravessada por tempos, espaços, relações e práticas que se repetem diariamente e que, convencionou-se chamar de rotina. Longe de se constituir apenas como uma sequência de atividades previamente estabelecidas, a rotina assume um papel central na experiência das crianças pequenas, pois estrutura o dia a dia, oferece previsibilidade, segurança emocional e possibilidades de interação, exploração e aprendizagem. Nesse sentido, pensar a rotina implica refletir sobre concepções de infância, de educação e de cuidado que sustentam as práticas pedagógicas.
De acordo com Barbosa (2006,p.23):

O cotidiano da Educação Infantil é constituído por ações que se repetem, mas que nunca são iguais. As rotinas, quando pensadas em organizadoras da vida coletiva, não devem aprisionar as crianças, mas oferecer referências que lhes permitam agir com mais autonomia, segurança e iniciativa. O desafio está em construir rotinas que sustentem a vida cotidiana sem sufocar a curiosidade e o desejo de aprender.

Essa compreensão permite reconhecer a rotina como elemento estruturante do cotidiano, sem reduzi-la a um mecanismo de controle ou mera repetição de ações. Ao contrário, a previsibilidade dos tempos e dos espaços pode favorecer a construção de vínculos, a ampliação de experiências e a participação ativa das crianças.
Historicamente, as rotinas na Educação Infantil foram, em muitos contextos, associadas a uma lógica de controle do tempo e dos corpos, marcadas por rigidez, fragmentação das experiências e pouca escuta das crianças (BARBOSA, 2006). Tal compreensão contribuiu para a construção de práticas engessadas, que podem limitar o brincar, a curiosidade e a potência investigativa próprias da infância. Entretanto, à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e da Base Nacional Comum Curricular, a rotina passa a ser compreendida como um elemento pedagógico intencional, que deve articular cuidado, educação, brincadeira e interações, respeitando os tempos, ritmos e interesses das crianças.
Nessa perspectiva, a rotina não se opõe à vitalidade do cotidiano infantil, mas pode se constituir como um suporte para que o encantamento, as descobertas e as múlti-

plas linguagens das crianças emerjam com maior intensidade. A previsibilidade dos momentos do dia, quando construída de forma flexível e sensível, favorece a autonomia, o protagonismo infantil e a construção de vínculos, criando um ambiente em que as crianças se sentem seguras para explorar, experimentar e imaginar.

Dentro dessa visão de rotina, torna-se fundamental que sua construção se dê a partir de uma pedagogia participativa, na qual as crianças são consideradas sujeitos ativos do cotidiano educativo. A rotina não deve ser compreendida como uma imposição definida exclusivamente pela gestão, mas como uma construção coletiva, com espaços para o diálogo com as crianças, sempre mediado pelo professor, respeitando seus interesses, tempos e modos de participação. Essa construção compartilhada estimula e fortalece o protagonismo infantil e confere significado às experiências vividas no cotidiano da Educação Infantil.

Diante disso, este artigo tem como objetivo refletir sobre as rotinas na Educação Infantil como elemento estruturante do cotidiano institucional, problematizando como elas podem ser organizadas sem paralisar as experiências das crianças, mas, ao contrário, potencializando o brincar, a curiosidade e os processos de descoberta. A partir de uma abordagem qualitativa, ancorada na observação do cotidiano e na reflexão da prática docente, busca-se contribuir para a compreensão da rotina como uma construção viva, dinâmica e atravessada pela escuta atenta das crianças e pela intencionalidade pedagógica do professor.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 - Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza teórico-bibliográfica, com abordagem reflexiva, fundamentada em análise de produções acadêmicas de autores que discutem a Educação Infantil, o cotidiano, as rotinas pedagógicas e o brincar. A pesquisa bibliográfica foi escolhida por possibilitar o aprofundamento conceitual do tema, a compreensão de diferentes perspectivas teóricas e o estabelecimento de diálogos entre autores que contribuem para a construção de práticas pedagógicas sensíveis e intencionais.

A análise do material teórico ocorreu por meio de leitura exploratória, analítica e interpretativa, buscando identificar conceitos-chave, aproximações e tensionamento entre autores. Esse processo permitiu a organização das reflexões em eixos temáticos, tais como: rotina como elemento estruturante do cotidiano, flexibilidade e intencionalidade pedagógica, centralidade do brincar e escuta das crianças.

A metodologia adotada compreende o professor como sujeito pesquisador de sua prática,reconhecendo que a reflexão teórica se articula às experiências vividas no cotidiano da Educação Infantil.

2.2 - Discussão Teórica

A rotina constitui um dos elementos centrais da organização do cotidiano nas instituições de Educação Infantil, sendo responsável por estruturar tempos, espaços e relações. Entretanto, a forma como essa rotina é concebida e vivenciada revela concepções de infância e de educação que impactam diretamente as experiências das crianças. Quando associada a uma lógica rígida e burocrática, a rotina pode reduzir o cotidiano a uma sucessão de tarefas, esvaziando o brincar e limitando a curiosidade infantil. Por outro lado, quando pensada como um dispositivo pedagógico vivo, torna-se um potente suporte para as experiências, descobertas e interações das crianças.

Barbosa (2006,p.37) problematiza a compreensão da rotina como simples repetição, ao afirmar que:

A rotina não é apenas uma sequência de ações que se repetem diariamente, mas uma forma de organizar o tempo, os espaços e as relações, conferindo sentido ao cotidiano vivido pelas crianças. Quando construída com intencionalidade pedagógica, a rotina oferece segurança e previsibilidade, sem impedir a criatividade, a curiosidade e a iniciativa infantil.

Vale destacar que ao elaborar o trabalho pedagógico é preciso considerar as múltiplas linguagens, o que não significa criar uma rotina com horários para focar em cada campo do saber como disciplinas ou atividades isoladas. Considerando a complexidade do pensamento infantil, que conecta sentimentos, percepção e pensamento, é possível garantir propostas que privilegiam diferentes linguagens sem separá-las, observando a multiplicidade de oportunidades e experiências presentes nos contextos organizados e nos percursos desenvolvidos.

Organizar a rotina é elaborar o planejamento observando que o tempo deve considerar a integralidade das crianças, buscando não fragmentar ou interromper as brincadeiras e interações. É importante não projetá-lo a partir de uma linha rígida do tempo, com longos momentos de espera ou filas, mas um tempo fluído vivido pelas crianças, planejado com elas e para elas. Reconhecendo a necessidade de horários específicos para algumas ações, uma forma de respeitar o tempo das crianças é construir com elas rituais de microtransição para que as mudanças sejam vivenciadas de forma significativa, relacional e dialógica, sem rupturas bruscas.

As diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL,2009,p.25) reforçam essa compreensão ao destacarem que o currículo deve articular cuidado, educação, interações e brincadeiras, respeitando os tempos e ritmos das crianças.

O documento afirma que:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, garantindo experiências que promovam o
conhecimento de sí e do mundo, sem fragmentar o cotidiano em atividades isoladas e descontextualizadas.

Kramer (2010,p.82) contribui para essa reflexão ao compreender o cotidiano da Educação Infantil como um espaço de produção cultural, no qual as crianças constroem sentidos e significados. Para a autora:

O cotidiano da Educação Infantil não é um espaço neutro, mas um lugar de encontros, conflitos, invenções e aprendizagens. É nele que as crianças produzem cultura e se constituem como sujeitos, o que exige práticas que considerem escuta, o diálogo e a participação infantil.

Dentro dessa compreensão, a rotina não pode silenciar as vozes infantis, mas precisa abrir espaço para a escuta, para o imprevisto, para o extraordinário, para a invenção. Quando o cotidiano é excessivamente regulado, corre-se o risco de desestimular a potência criadora das crianças e reduzir suas ações à ações previamente determinadas pelos adultos.

O brincar, entendido como linguagem central da infância, precisa atravessar toda a organização da rotina. Conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2009), brincar é um direito de aprendizagem que possibilita às crianças expressarem
emoções, elaborarem hipóteses, explorarem o ambiente e se relacionarem com os outros. Uma rotina que restringe o brincar a momentos curtos e controlados compromete o desenvolvimento da curiosidade e das experiências significativas. Em contrapartida, uma rotina flexível, que reconhece o brincar como eixo estruturante, favorece o protagonismo infantil e a construção de conhecimentos Autores como Malaguzzi (1999) ao discutir a abordagem de Reggio Emilia, defendem a ideia de um cotidiano educativo rico, no qual as crianças são vistas como competentes, curiosas e capazes de produzir cultura. Nessa perspectiva, a rotina não é um roteiro fechado, mas um suporte que sustenta a emergência das múltiplas linguagens infantis. O tempo deixa de ser apenas cronológico e passa a
ser vivido como tempo de experiência, investigação e descoberta.

No que se refere especialmente aos bebês e às crianças bem pequenas, Pikler e Tardos ressaltam que a regularidade dos cuidados cotidianos, como alimentação, higiene e descanso, é fundamental para a construção da segurança emocional. No entanto, essa regularidade deve ser permeada por relações afetivas, escuta e respeito à iniciativa da criança. Assim, mesmo os momentos mais estruturados da rotina podem se trans-

formar em experiências ricas, desde que vividos com presença, atenção e intencionalidade pedagógica.
Por fim, o papel do professor mostra-se fundamental na mediação entre rotina, brincadeira e experiências infantis. A observação sensível do cotidiano permite ressignificar práticas e evitar a cristalização da rotina. De acordo com Hoffmann (2012,p.64):
Observar as crianças em seu cotidiano é condição para compreender os sentidos que atribuem às experiências vividas. A avaliação e a organização do trabalho pedagógico devem nascer dessa escuta atenta, e não de modelos prontos e descontextualizados.

Dessa forma, a discussão teórica evidencia que a rotina, quando construída de forma participativa, flexível e intencional, não compromete o brincar, a curiosidade e as experiências das crianças. Ao contrário, ela se constitui como um suporte potente para um cotidiano educativo vivo, significativo e respeitoso às múltiplas formas de ser e estar na infância.
Ao aprofundar essa reflexão, torna-se imprescindível considerar a rotina como um dispositivo político-pedagógico, que expressa escolhas, valores e concepções da infância. Organizar o cotidiano não é uma ação neutra, mas envolvem decisões que impactam diretamente a forma como as crianças vivenciam o tempo, ocupam os espaços e se relacionam com os outros. Nesse sentido, a rotina revela a intencionalidade educativa da instituição e do professor, podendo tanto ampliar quanto restringir as experiências infantis.
De acordo com Oliveira (2011, p.94):
A criança pequena aprende e se desenvolve nas relações que estabelece com as pessoas, com os objetos e com o ambiente. Por isso, a organização do cotidiano precisa favorecer experiências diversificadas, nas quais a criança possa agir, escolher, explorar e se expressar, e não apenas cumprir uma sequência de tarefas. (OLIVEIRA, 2011, p.94).

Essa afirmação reforça a necessidade de superar rotinas pautadas exclusivamente na lógica do adulto, abrindo espaço para a participação efetiva das crianças. A pedagogia participativa propõe justamente essa inversão de olhar, reconhecendo que as crianças são capazes de contribuir com a construção do cotidiano, expressando preferências, interesses e modos próprios de viver o tempo.
Nesse contexto, a escuta assume papel central. Escutar as crianças não se limita à linguagem oral, mas envolve observar gestos, movimentos, brincadeiras, silêncios e expressões corporais.
De acordo com Malaguzzi (1999,p.71):

Escutar significa estar aberto às cem linguagens das crianças, acolher suas teorias, suas perguntas e suas formas de interpretar o mundo. Uma pedagogia de escuta transforma o cotidiano, pois permite que as experiências emerjam a partir das crianças e não apenas das expectativas do adulto.

Assim, a rotina deixa de ser um roteiro fechado e passa a ser um campo de possibilidades, no qual o planejamento é constantemente revisitado à luz de experiências vividas. O professor assume o papel de mediador, organizador do ambiente e pesquisador do cotidiano, articulando intencionalidade pedagógica e abertura ao imprevisto.
No caso de bebês e crianças bem pequenas, a regularidade dos cuidados cotidianos mantém-se como elemento fundamental para a construção de segurança emocional. A previsibilidade dos momentos de cuidado, quando vivida em relações afetivas e respeitosas, favorece a autonomia e a iniciativa da criança:
De acordo com Pikler e Tardos (2002, p.58):

A regularidade dos cuidados cria para o bebê um sentimento de continuidade e confiança. No entanto, essa regularidade só tem sentido qun do o adulto está presente de forma atenta, respeitando os sinais, o ritmo e a participação da criança em cada situação. (PIKLER,TARDOS, 2002, p.58)

Dessa forma, mesmo os momentos mais estruturados da rotina - como alimentação, higiene e descanso - podem se constituir em experiências ricas de interação, aprendiza-

gem e vínculo, desde que não sejam vividos de maneira apressada ou mecanizada.

Por fim, é importante destacar que a construção de rotinas participativas exige condições institucionais favoráveis, como tempos de planejamento, formação continuada e uma gestão comprometida com a valorização da prática docente. A rotina construída no cotidiano da sala não se opõe à organização institucional, mas demanda diálogo e coerência entre as diferentes instâncias da escola.

Ampliar o olhar sobre as rotinas da Educação Infantil implica, portanto, reconhecer o cotidiano como espaço de experiência, de produção de cultura e de exercício de direitos. Uma rotina viva, flexível e participativa não apenas organiza o dia, mas sustenta práticas que respeitam a infância em sua integralidade, fortalecendo o brincar, a curiosidade e as múltiplas formas de aprender e se relacionar com o mundo.

Análise da observação do cotidiano da Educação Infantil como um espaço legítimo de investigação e produção de sentidos

A análise de dados desse estudo fundamenta-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa, considerando o cotidiano da Educação Infantil como um espaço legítimo de investigação e produção de sentidos. Os dados analisados foram constituídos a partir do cotidiano pedagógico em uma escola pública de São Paulo, turma multietária, com idades entre 4 e 6 anos. Foram analisados os registros reflexivos da professora-pesquisadora e da análise de documentos institucionais, como a rotina escrita e o Projeto Político-Pedagógico da unidade.

A leitura sistemática desses materiais permitiu identificar recorrências relacionadas à organização da rotina e à forma como as crianças se apropriam do cotidiano. Observou-se que a previsibilidade dos momentos do dia contribui para a segurança emocional das crianças, favorecendo atitudes de autonomia, iniciativa e participação. As crianças demonstraram reconhecer a sequência dos acontecimentos cotidianos, antecipando ações e organizando-se no tempo e no espaço.

Outro aspecto recorrente nos dados refere-se à flexibilidade da rotina. Os registros indicam que, quando o professor acolhe os interesses das crianças e reorganiza os tempos previstos, emergem experiências mais prolongadas de brincadeira, exploração e investigação. Situações inicialmente não planejadas passam a integrar o cotidiano, ampliando as possibilidades de aprendizagem.

O brincar aparece nos dados como eixo central da experiência infantil, atravessando diferentes momentos da rotina. As observações revelam que as crianças constroem sentidos, estabelecem relações e expressam curiosidades principalmente por meio das brincadeiras livres e orientadas, evidenciando o brincar dentro da rotina da instituição como linguagem privilegiada da infância.

Os registros reflexivos revelam que a observação atenta e a escuta sensível permitem reorganizar o cotidiano a partir das experiências vividas pelas crianças, evitando assim práticas automatizadas. A análise evidencia que a rotina se torna mais potente quando o professor assume uma postura investigativa, refletindo sobre suas intervenções e sobre os sentidos atribuídos pelas crianças às experiências cotidianas, conforme apontado por Hoffmann.

De modo geral, os resultados indicam que a rotina, quando compreendida como uma construção dinâmica e relacional, não compromete o brincar, a curiosidade e as experiências das crianças. Ao contrário, ela se configura como um suporte que organiza o cotidiano e sustenta experiências significativas, desde que permeada pela flexibilidade, pela escuta e pela intencionalidade pedagógica. Assim, a análise dos dados reforça a importância de pensar a rotina para além de uma estrutura fixa, reconhecendo-a como um elemento vivo do cotidiano da Educação Infantil.

CONCLUSÃO

As reflexões desenvolvidas neste artigo evidenciam que a rotina, quando compre-

endida como uma construção pedagógica intencional, flexível e sensível às crianças, constitui-se como um elemento estruturante do cotidiano da Educação Infantil sem comprometer o brincar, a curiosidade e as experiências infantis. Ao contrário, a rotina pode sustentar práticas significativas, favorecer a autonomia, promover segurança emocional e ampliar as possibilidades de interação e aprendizagem.

A análise teórica e dos dados produzidos no cotidiano revelam que o risco não está na existência da rotina em si, mas em sua compreensão como um instrumento rígido, fragmentado e descolado das necessidades e interesse das crianças. Assim, reafirma-se a importância do papel do professor como observador, pesquisador e mediador, capaz de reorganizar o cotidiano a partir da escuta e da reflexão constante sobre a prática.

A rotina, quando pensada como continuidade com sentido, oferece segurança emocional e estrutura o cotidiano, criando condições para que as crianças explorem, experimentem, brinquem e descubram o mundo com autonomia. Ao mesmo tempo, exige do professor uma postura reflexiva, em que a observação atenta e a escuta sensível são essenciais para redirecionamentos, replanejamentos, mudanças de direção, que só um olhar atento com foco nas singularidades das infâncias é capaz de captar, para assim poder questionar práticas cristalizadas e reconhecer o cotidiano como espaço vivo de aprendizagem, relação e encantamento.

Conclui-se que pensar a rotina da Educação Infantil exige um olhar ético, estético e político sobre o cotidiano, reconhecendo as crianças como sujeitos de direitos e protagonistas de suas experiências. Espera-se que este estudo contribua para ampliar as discussões sobre as rotinas nas instituições de Educação Infantil, fortalecendo as práticas pedagógicas que respeitem a infância em sua potência, diversidade e singularidade.

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. As especificidades da ação pedagógica com os bebês. Brasília: MEC/SEB,2010.

BRASIL. Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº5. de 17 de de 2009. Brasilia: MEC, 2009.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação na Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 2012.

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. Educação Infantil: cotidiano e práticas. Brasília: MEC, 2009.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Leila; FORMAN. George (org). As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre, Artmed, 1999.

PIKLER, Emmi; TARDOS, Anna. Educar o bebê: cuidar e educar desde o nascimento. São Paulo: Phorte, 2008.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. 7ª ed.São Paulo:Cortez, 2011.